

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### 4º Domingo Comum – Ano B

31jan2021

Deuterónimo 18,15-20; Salmo 111; 1 Coríntios 8,1-13

S. Marcos 1,21-28

*<sup>21</sup>Jesus e os discípulos seguiram depois para Cafarnaum. Chegado o sábado, Jesus entrou na sinagoga dos judeus e começou a ensinar. <sup>22</sup>Os que o ouviam ficaram muito admirados com o seu ensino, porque falava como quem tem autoridade e não como os doutores da lei.*

*<sup>23</sup>Nisto, apareceu na sinagoga um homem possuído dum espírito mau, o qual, aos gritos, disse: <sup>24</sup>«Que temos nós a ver contigo, Jesus de Nazaré? Vieste aqui para nos destruir? Eu sei quem tu és; és o Santo de Deus!» <sup>25</sup>Jesus repreendeu-o: «Cala-te e sai deste homem.» <sup>26</sup>O espírito mau sacudi fortemente o homem, deu um grande grito e saiu dele. <sup>27</sup>Ficaram todos tão admirados, que perguntavam uns aos outros: «Que será isto?» Outros diziam: «Isto é doutrina nova, mas apresentada com autoridade! Pois ele até dá ordens aos espíritos maus, e eles obedecem-lhe!» <sup>28</sup>A fama de Jesus espalhou-se rapidamente por toda a região da Galileia.*

1. O que é que Jesus terá dito que levou as pessoas a considerar que «falava com autoridade e não como os doutores da lei»?

Geralmente diz-se isso de alguém a quem se reconhece saber, capacidade, pensamento acima do ‘vulgar’ (por exemplo, um cientista, ou a quem chamamos “especialista”) para nos dizer a ‘verdade’ sobre um assunto da sua área de trabalho. Mas a *autoridade* de Jesus não parece radicar nesse conceito elitista. Em S. Lucas 4, 31 lê-se: «Desceu então a Cafarnaum, cidade da Galileia, e ensinava aos sábados». Isto significa que Jesus residia naquela cidade e que, portanto, as pessoas da Sinagoga conheciam-No não apenas pelas Suas palavras, mas, também, pelo que fazia, ao libertar a gente oprimida das forças do mal que lhes causavam sofrimento e submissão. Pode, então, chegar-se a uma resposta para aquela pergunta: a *autoridade* de Jesus, sentida pelas pessoas, provinha da coerência que viam entre as Suas palavras e os Seus atos, o que era o ponto fraco do comportamento dos doutores da Lei.

Além disso, a *autoridade* de Jesus advinha da relevância da Sua mensagem para a vida das pessoas. Era algo que lhes arrancava o espírito à sua tranquilidade, o coração ao seu sossego, numa palavra, que as abalava, comandava e exigia (Romano Guardini). Não era possível ouvir a palavra de Jesus e permanecer-se como dantes. Temos disso boa prova em S. João 6, 22-69, no que alguns chamam de discurso eucarístico, onde Jesus responde ao “sinal” que os judeus reclamavam para acreditar nEle, dizendo que “pela doutrina do Pai, que transmito aos homens, eu sou o pão verdadeiro, assimilável pela fé” (vs 32 a 34). Quando ouviram isso até muitos dos seus discípulos disseram: «Esta palavra é dura! Quem pode escutá-la?» e deixaram-no (vs 60 e 66). Era uma *autoridade* que Lhe advinha da Sua filiação divina, da mensagem recebida do Pai para a vida dos homens. Naquela altura, como hoje, para uns, tais palavras são difíceis de aceitar, mas, para outros, abertos ao mistério de Deus em Jesus, a Palavra da Vida, respondem como Simão Pedro: «Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna» (S. João 6, 68).

2. «*Que temos nós a ver contigo, Jesus de Nazaré?*» A pergunta do homem «*possuído dum espírito mau*» contém a interrogação de cada geração ao longo de toda a história do cristianismo. Hoje, nas sociedades da abundância, a pergunta ganha força.

Atentemos para o que algumas pessoas, que não eram do seu círculo de seguidores, disseram sobre Jesus. Os que o ouviam na Sinagoga de Cafarnaum: «*ficaram muito admirados com o seu ensino, porque falava como quem tem autoridade*» (S. Marcos 1, 22); Nicodemos: «*Sabemos que vens da parte de Deus como um Mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes se Deus não estiver com ele*» (S. João 3, 2); A mulher samaritana: «*vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz*» (S. João 4, 29); Os samaritanos que acorreram a Jesus, convidados pela mulher: «*Sabemos que esse é verdadeiramente o Salvador do Mundo*» (S. João 4, 42); Pilatos: «*Este homem nada fez que mereça a morte!*» (S. Lucas 23, 15); e, finalmente, o Centurião, junto à cruz: «*Verdadeiramente este era Filho de Deus*» (S. Mateus 27, 54). Para estes, Jesus teve um significado próprio de acordo com os ditames das suas consciências à luz do que puderam ver dEle na Sua humanidade.

Mas, para nós, dois mil anos depois, é natural que seja mais difícil descortinar o que dEle podemos esperar. Temos esse testemunho vivo de *milhares de milhares* que ao longo de séculos viveram ‘embalados’ nas Suas palavras de vida, que O receberam por coração e se deixaram tomar pela Sua mensagem de paz e amor para todos, alguns até com sofrimento atroz e morte violenta. Temos o Evangelho que narra a Sua vida, morte e ressurreição, que regista o Seu ensino e aponta caminhos para a nossa existência em direção a um final feliz e contínuo. Tudo isto nos leva à perceber o quanto é importante a presença de Jesus na nossa mente e no nosso coração. É que Ele veio para libertar-nos, em primeiro de tudo, de nós próprios, quando nos deixamos aprisionar por concupiscências, interesses e egos que restringem a nossa capacidade de ver para além de nós. Ao ouvi-Lo aprendemos o que Deus espera que façamos no contexto da nossa vivência com os outros, em especial os que vivem nas franjas da sociedade, pois, estamos destinados a conviver e a ser para os outros, no respeito pela criação de que somos parte. Também veio para dizer-nos que não estamos sós, em particular, quando o infortúnio nos bate à porta, como agora com esta pandemia. Ou seja, temos tudo a ver com Jesus de Nazaré, porque é o Santo de Deus, que veio para amar-nos, ajudando-nos a viver com esperança, e preparar-nos para a nossa ressurreição na casa do Pai. E, como diz o Apóstolo Paulo, nada, nem ninguém «*poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor*» (Romanos 8, 38).

3. Esta semana, a 27, passou mais um aniversário, o 76º, da libertação do campo de extermínio nazi de Auschwitz, pelos soviéticos, em 1945. O chamado Dia Internacional de Memória das Vítimas do Holocausto. A esse propósito li um excerto de uma Conferência apresentada pelo rabino Dow Marmur, em 1982 (Londres), citado por Manuel Alte da Veiga, no jornal digital “Sete Margens”, que dizia: “*todos os acontecimentos são perigo e oportunidade: aniquilamento ou nova vida. Assim nos aconteceu com o Holocausto. E lutamos para que nada do género possa acontecer novamente. A experiência do sofrimento habilitou-nos a compreender e minorar o sofrimento alheio. O sofrimento é ocasião para afirmar a vida. E a alegria de sobreviver deve ser partilhada e celebrada com todos*”. Estas palavras, de alguém que pertence a um povo sujeito a um extermínio que lhes levou 6 milhões de mortos, merecem especial atenção, pois, parecem ter sido escritas hoje, para nós, na altura do crescente sofrimento com a pandemia por que estamos a passar. Está aqui todo o sentido de esperança de uma vivência religiosa. Aliás, o próprio rabino diz: “*Toda a vida é um chamamento para meditar e praticar a fé*”. É uma explicação simples e direta para entender porque temos a ver com Jesus de Nazaré, o Senhor da Esperança.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana